

### Direitos e responsabilidades

Há uma lista de direitos na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tivemos a preocupação de ligar as obrigações, os deveres, as responsabilidades aos direitos. Daí decorre o texto que queremos submeter à ONU no ano em que se celebram os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem. E assim, cito a relação entre direitos e responsabilidades:

- “- se temos o direito à vida, temos também a obrigação de respeitar a vida;
- / - se temos o direito à liberdade, temos a obrigação de respeitar a liberdade dos outros;
- / - se temos o direito à segurança, temos a obrigação de criar condições para que cada ser humano goze de uma segurança humana;
- se temos o direito a participar no processo político do nosso país e eleger os nossos dirigentes, temos a obrigação de participar e assegurar que os melhores dirigentes sejam escolhidos;
- se temos o direito de trabalhar em condições justas e favoráveis, de modo a obter um nível de vida decente para nós e para aqueles que dependem de nós, temos, também, a obrigação de realizar com a maior exactidão, e até ao máximo das nossas capacidades, esse mesmo trabalho;
- se temos o direito de liberdade de pensamento, de consciência e de religião, temos, também, a obrigação de respeitar os pensamentos ou princípios religiosos dos outros;
- / - se temos o direito a ser educados, temos, também, a obrigação de aprender tanto quanto as nossas capacidades nos permitam e partilhar o nosso conhecimento e experiência com outros;
- / - se temos o direito de beneficiar da abundância da Terra, temos, também, a obrigação de respeitar, de cuidar e de restaurar a Terra e os seus recursos naturais.”

Cada direito tem, sem dúvida, a responsabilidade que lhe corresponde. Mas deve dizer que a recepção a esta iniciativa não é nada pacífica, em particular, para algumas instituições que se mantêm no antigo paradigma. Falar de responsabilidades, deveres ou obrigações, suscita duas críticas.

Uma crítica atribui a estas preocupações uma visão pessimista do mundo: estaríamos de repente a procurar uma ética global porque temos uma visão catastrófica do mundo. Há aqui um paralelismo com o que experimentei há alguns anos atrás: quando se propunha uma solução para um país, que nessa altura tinha 26% de analfabetos e mais de 30% de pobres, qualquer solução concreta, era criticada imediatamente como sendo idealista. E agora quando se descreve a situação do mundo tal como ele é, diz-se que é pessimista. Cito só alguns números que falam por si:

- Dentro de 3 a 5 décadas, a população mundial que no ano 2000, (amanhã!) é de 6 mil milhões, terá aumentado de 4,1 mil milhões de habitantes; i.e., ao mundo que já temos acrescentar-se-á o mundo que havia em 1975: são 10 Suécias por ano; é uma América Latina em cada 5 anos. Isto de acordo com as projecções das Nações Unidas e na projecção média (não a mais catastrofista), admitindo que a projecção mais baixa é uma projecção que não está a ser realizada, porque suporia que em todos os países do mundo se desse apenas a regeneração das gerações existentes.

